

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO
PROJETO CONEXÃO LOCAL (CL)

A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NAS COOPERATIVAS DE VALENTE-BA

ANE CAROLINE SOLLAR PEREIRA

Orientador: CARLOS EDUARDO

São Paulo – SP

2019

Resumo

A pesquisa objetivou identificar a necessidade de qualificação técnica e/ou profissional nas cooperativas de economia solidária na Cidade de Valente, região sisaleira do Estado da Bahia, de forma a identificar: as principais cooperativas da cidade; conhecer as mulheres que atuam nessas cooperativas; identificar as principais demandas administrativas; entender quais as dificuldades de qualificação técnica administrativa nas cooperativas do município. Foi utilizado como método de pesquisa qualitativa, cuja a coleta de dados ocorreu por meio de caderno de campo e condução de entrevistas semiestruturadas e livres atrelado ao método de gabinete, tendo como principal base a pesquisa bibliográfica sobre Cooperativas de trabalho e qualificação profissional. Com base na análise dos dados obtidos concluiu-se que há importância da qualificação técnica e profissional para possibilitar as cooperativas chance de desenvolvimento. Suas maiores dificuldades para obtenção dessa qualificação reside na: dificuldade de acesso à recursos financeiros que impossibilitam o acesso a diversos conhecimentos, inclusive o online. A falta de escolas de ensino técnico e superior na cidade inviabilizam o acesso a educação formal. A falta de parcerias com instituições é um desafio para ampliarem seus conhecimentos e qualificações, dificultando a profissionalização das cooperativas de economia solidária. Através desse estudo foi possível identificar a carência de qualificação que influi diretamente na falta de profissionalização das cooperativas de economia solidária. O estudo identificou também uma demanda por qualificação técnica de ordem pública e/ou privada na região, apresentando assim uma oportunidade de investimento na região, precisando considerar, por óbvio, a baixa capacidade econômica atual de parte dos moradores, o que reforça a necessidade de estudos de políticas públicas com esse enfoque para a região.

Palavras-chaves

Cooperativa; Mulher; Qualificação; Economia Solidária; Administração

1. INTRODUÇÃO

O estudo de campo teve sua atividade realizada em Julho de 2019, no município de Valente, cidade localizada na região nordeste do Estado da Bahia. Valente é conhecida por estar localizada em um grande polo produtor de sisal e ter uma das maiores indústrias têxteis de Sisal, a APAEB.

O Sisal é uma planta originária da América Central que cresce e adaptou-se muito bem ao clima do semiárido, se tornando uma das principais atividades econômicas da região.

As figuras 1 e 2 demonstram parte da cadeia produtiva do Sisal.

Figura 1: Trabalhadores rurais passando sisal por máquina que retira o suco da planta



Fonte: Pesquisa de campo 2019.

Figura 2: Varal com fibra de sisal secando após passar por máquina que retira suco da planta.



Fonte: Pesquisa de campo 2019.

Valente é uma cidade com população estimada, em 2019 pelo IBGE, de 28.473 pessoas que têm salário médio mensal de profissionais em emprego formal de 1,4 salário mínimo e onde 40,9% da população, ainda segundo o IBGE, conta com um rendimento nominal mensal per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, dados de 2010.

O estudo focou sua análise nas cooperativas de economia solidária de iniciativa feminina, que utilizam o sisal ou frutas regionais como sua matéria prima, observando-se as demandas da área administrativa destas cooperativas no município de Valente, região sisaleira do sertão da Bahia.

O objetivo central do trabalho foi conhecer a realidade das cooperativas de economia solidárias femininas, principalmente no âmbito das necessidades de qualificação e suporte administrativo que limitem ou auxiliem o crescimento e continuidade dessas cooperativas.

Um dos passos a serem realizados para alcançar o objetivo geral da pesquisa foi verificar as principais dificuldades administrativas enfrentadas pelas cooperativas para evidenciar as qualificações técnicas que se fazem necessárias. Conhecer as pessoas que fazem parte dessas cooperativas também foi considerado um objetivo específico que impacta diretamente no objetivo geral.

O desenvolvimento do trabalho foi realizado através de pesquisa de campo durante aproximadamente 20 (vinte) dias e contou com anotações em caderno de campo, condução de entrevistas semi estruturadas e livres de diversos agentes locais.

Posteriormente foi realizada pesquisa bibliográfica que perpassa pelos pontos de cooperativas de trabalho e qualificação técnica. Para apresentar o resultado sobre quais problemáticas de qualificação foram observadas em campo nas cooperativas de Valente - BA

O relatório de conexão local estrutura-se em três capítulos. O primeiro contextualiza e identifica os principais conceitos e teorias tratados. O segundo apresenta a metodologia utilizada. O terceiro apresentando os resultados da pesquisa. O terceiro apresenta a conclusão da pesquisa.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 SURGIMENTO E CRESCIMENTO DAS COOPERATIVAS NO BRASIL

As cooperativas de economia solidária são organizações formadas por cidadãos que unem forças possuindo autonomia em um sistema de autogestão, em torno de uma ou mais atividades profissionais e econômicas de fabricação, disseminação e aquisição dentro de um segmento, buscando melhora na situação econômica e/ou melhores condições de trabalho.

Segundo A. T R Torquato; D. R. M Carginin e M. C. B. Fischer, 2006, p. 02 cooperativas:

“São espaços que permitem a construção da autogestão, uma modalidade de organização que permite um melhor gerenciamento dentro desse tipo de empreendimento. Com isso, ficam evidentes as igualdades de direitos, a pouca diferença na remuneração, decisões tomadas em caráter coletivo, práticas cooperativas e o ambiente de trabalho que valoriza o trabalhador”

A economia solidária tem sua origem reconhecida na primeira revolução industrial, mas é possível afirmar que existiram em diversas regiões do mundo práticas econômicas constituídas em premissas da solidariedade mesmo antes da revolução industrial.

Essa forma de economia pode ser uma das alternativas econômica para um grupo de pessoas, como foi possível observar em campo.

Cooperada da comunidade de papagaio: “A associação foi uma alternativa pra mim, não se ganha muito, mas já ajuda e isso trouxe um respeito na minha casa, antes eu não podia fazer nada, agora eu posso comprar material dos filho e o marido não pode falar nada” - Anotação de campo

A OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras – define o cooperativismo como um modelo socioeconômico fundamentado na reunião de pessoas e não no capital, visando às necessidades do grupo e não do lucro, buscando prosperidade conjunta e não individual.

O início das cooperativas marca uma mudança na estrutura de trabalho tradicional. Compreender isso é um fator determinante para a conversa sobre profissionalização das cooperativas. A Lei n. 8.949, de 1994 acrescentou o Art. 442 da CLT: “Qualquer que seja o ramo de atividade da sociedade cooperativa, não existe vínculo empregatício entre ela e seus associados, nem entre estes e os tomadores dos serviços daquela.”

De acordo com Singer (2014), o surto das cooperativas de trabalho se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mercado do trabalho, que são autêntica tragédia para o trabalhador. Em resumo, elas resultam do rápido crescimento da produtividade do trabalho, produzido pela revolução industrial em curso; da liberalização do comércio mundial, que tornou possível transferir quantidades cada vez maiores de postos de trabalho para países de baixos salários e poucos direitos sociais[...]

É interessante como essa afirmação nos permite começar a delimitar quais são as estruturas dessas cooperativas e quem são os trabalhadores que as compõem.

Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para atender suas necessidades e aspirações econômicas, sociais, culturais comuns por intermédio de uma empresa coletiva democraticamente controlada . (TESCH, 200)

O autor deixa claro que, as cooperativas nascem dos próprios interesses, afastando a ideia de que, só surgem em detrimento do capitalismo e mudanças do mercado de trabalho.

As visões dos autores são conflitantes (TESCH 2000). As cooperativas não servem como substitutas de mão-de-obra barata para empresas, afirma que essas nascem de seus próprios interesses. Este argumento é indiretamente questionado quando o autor afirma que "O surto das cooperativas de trabalho se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mercado do trabalho." (SINGER 2014).

É interessante entender que houve nos últimos anos um surto de crescimento das cooperativas sendo uma forma de terceirização de mão de obra e precarização do trabalho, mas há alguns fatores que se sobrepõe como, o acesso a recursos econômicos e desenvolvimento social que algumas famílias ainda não tinham. Mesmo assim não parece haver razão para discordar que esses fatores também são aspectos econômicos que envolvem as cooperativas, isso é sinal que o autor não fala sobre todos os aspectos gerais. Conforme citado acima as profundas transformações no mercado de trabalho é uma das grandes responsáveis pelo crescimento das cooperativas.

2.2 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E MÃO-DE-OBRA

De forma generalizada a qualificação técnica das cooperativas mais estruturada, ajuda a criar um ambiente organizacional mais consolidado que consegue se manter com o passar do tempo e a troca de pessoas que compõem essas cooperativas. E ao falar em qualificação técnica não leva-se em consideração apenas a produção e prestação de serviços, mas a qualificação técnico administrativa também.

A educação prática de adultos é aquela que, baseando-se na vinculação do homem com o trabalho – trabalho em um sentido amplo – e ligado ao desenvolvimento do homem que trabalha com o desenvolvimento geral da comunidade e integra os interesses do próprio

homem e da sociedade. A educação é pois aquela em que se realiza o homem no marco de uma sociedade, cuja estrutura e cujas relações superestruturais facilitam o pleno desenvolvimento da personalidade humana. Deste modo contribuir a formar um homem criador tanto de bens materiais como espirituais (Espinoza, 1978, p. 104).

(Schneider e Hendges, 2006, p. 41) (Apud Guerreiro Garcia, 1977):

“Atendendo aos valores cooperativos tais como o de solidariedade, Guerreiro Garcia nos fornece algumas diretrizes para transformar o sócio de individualista em solidário, de marginalizado em integrado, tornando-se necessários alguns objetivos tais como:

- 1) Obter a participação consciente e ativa dos sócios na vida da cooperativa (educação), como efetivo sujeito do processo cooperativo.
- 2) Formar dirigentes e assessores que possam ensinar aos sócios modernas técnicas de administração e gestão cooperativa (capacitação).
- 3) Preparar promotores da própria comunidade capazes de estimular a formação de cooperativas que respondam às necessidades dos sócios reais sentidas pela própria comunidade; temos assim a perfeita união entre educação e capacitação.”

Embora as temáticas sejam distintas elas se relacionam à medida que pensamos na cooperativa como uma forma de tentar baratear mão-de-obra, enquanto na educação, qualificação técnica como forma de emancipação desses profissionais que optem por esse sistema de trabalho.

Na região do sertão sisaleiro da Bahia conforme conversas com os diferentes agentes, foi possível identificar as cooperativas nascendo como forma de gerar alguma renda alternativa, visando a complementação da renda do chefe de família está vindo principalmente dos restos de sisal e da agricultura familiar de frutas nativas da região e uma grande dificuldade de ampliação da cooperativa pela dificuldade na capacitação técnica de quem atuava.

Trecho de entrevista livre de cooperada:

“Eu mesmo cresci num povoado de Valente, a gente não tinha assim.. de custo... aí umas amigas minha me chamaram pra participar do grupo e eu fui, nunca tinha trabalhado fora, é cansativo, é né, mas eu fico mais feliz né, porque a gente fica brincando, conversando com as amiga no intervalo, a gente é muito divertido, o bom é que temos um dinheirinho extra e o ruim é que não tem projeto pra gente colocar... pra aumentar mais o custo [...]”

O ramo que melhor soube utilizar essa relação, graças à especificidade do seu produto, foi o agropecuário. Vale lembrar que é nesse período, ainda estreitamente ligado ao setor

rural, que nascem as cooperativas de eletrificação rural. Infelizmente os demais segmentos do cooperativismo ligados ao consumo, ao crédito e ao ensino, principalmente, não obtiveram as mesmas condições de desenvolvimento (SINDICATO, 2009).

Conforme explicado acima, as cooperativas têm um papel importante na economia, principalmente na economia rural, neste sentido pode-se dizer que independente do seu objetivo original, seu resultado está atrelado ao desenvolvimento social e econômico e por isso a importância da capacitação técnica.

À medida que as trocas entre agentes econômicos foram se tornando mais frequentes e complexos aumentou-se a necessidade de institucionalizar o ambiente, com o intuito de elevar a probabilidade de sobrevivência das organizações ao mesmo tempo em que se busca que o sistema de trocas se de uma forma mais harmônica e menos onerosa, resultando na maximização e da satisfação dos agentes econômicos e na aproximação da eficiência econômica (SANTOS, 2009, p.15).

Conforme relatado anteriormente com o tempo, mudança nas relações de trabalho, mudanças econômicas globais para uma empresa ter chance de sobreviver e sobressair entre as demais no mercado ela precisa estar estruturada, ter capital humano desenvolvido. Esse é o motivo pelo qual é importante reforçar a qualificação como possibilidade de vantagem competitiva para as cooperativas de Valente, uma vez que, negligenciar esses avanços, além de condenar essas empresas ao fracasso é perder uma grande oportunidade de investimento local.

Destarte, uma forma conhecida de resolver esse problema é investindo em capacitação, educação, ampliação das parcerias visando troca de conhecimento prático, evitando assim que as cooperativas caiam na armadilha do amadorismo constante que limita e impede a ampliação e melhora do desenvolvimento institucional.

A. T R Torquato; D. R. M Cargnin e M. C. B. Fischer, 2006, p. 04 sobre as escolhas das atividades nas cooperativas :

“As categorias utilizadas para organizar os saberes de cooperação e o processo de produção dos mesmos foram estas: tarefas realizadas no trabalho; habilidades, atitudes e valores desenvolvidos e, ainda, como e onde tudo foi aprendido e/ou ensinado.”

A. T R Torquato; D. R. M Cargnin e M. C. B. Fischer, 2006, p. 04 sobre o surgimento da competência colaborativa: Na vida no campo, sem muitos recursos, as famílias se uniam para se ajudar umas às outras. O trabalho na “roça” era assumido por todos.

Diante das diversas mudanças no mercado de trabalho e cenários econômicos um fator que aparece sempre em evidência é a necessidade de profissionalização da produção ou prestação de serviços. A qualificação técnica que se apresenta como um dos principais mecanismos de solução para essa demanda, por ser capaz de atender demandas mais operacionais e também demandas mais administrativas. O acesso à qualificação técnica garantiria uma alavancagem competitiva dessas organizações em relação às suas concorrentes tradicionais no mercado de consumo.

O objetivo da qualificação técnica visa profissionalizar processos e estruturas, e aqui trataremos o viés administrativo. Isso, porque à medida que a cooperativa consegue ser melhor estruturada, suas chances de crescer, se manter, e se tornar competitiva no mercado de consumo aumenta, aumentando também o número de mulheres que podem fazer parte da iniciativa o que gera uma melhora econômica da região.

2.3 CAMPO

Houveram dois momentos fundamentais do trabalho de campo, o primeiro de entender a realidade local das pessoas e da principal atividade econômica e o segundo que foi entender a realidade das cooperativas e das cooperadas.

No primeiro momento foram realizadas visitas de exploração na fábrica da APAEB, Produtor de Sisal, Sindicato dos Produtores Rurais e Escola da Família Agrícola.

A figura 3 é uma montagem apresentando o primeiro momento da pesquisa.

Figura 3: Quadro com montagem de 3 fotos. A foto à esquerda, maior, de um trabalhador rural, separando os restos de sisal que virará adubo. A imagem no canto superior direito é uma foto da fibra de sisal na fábrica da APAEB esperando para passar pela bateadeira. A foto do canto superior esquerdo se refere ao fio de sisal já trançado.



Fonte: Pesquisa de campo 2019.

O primeiro momento foi importante para entender o contexto local e suas transformações com o tempo.

Mulher do grupo Gesmin: “Tem menos de 10 (dez) anos que paramos de levar lata d’água na cabeça, e com isso foi que as coisas começaram a ficar melhor, isso e conseguir aposentar, nossa vida melhorou muito!” - Anotação de campo.

Entender o impacto da crise econômica e como ocorreram mudanças também ajudou a contextualizar as transformações e direcionamentos da cidade.

Cooperada falando sobre APAEB: “A fábrica já teve muito funcionário, com a crise muita gente foi mandada embora, já melhorou, mas demora pra voltar ao que era”.

A figura 4 é uma montagem apresentando o segundo momento da pesquisa.

Figura 4: Quadro com montagem de 4 fotos. A imagem do canto superior esquerdo é uma conversa com duas mulheres do grupo Gesmin. As imagens do canto inferior esquerdo e superior direito, foi a visita a cooperativa das produtoras do povoado de Papagaio. A imagem do canto inferior direito é com as mulheres da Cooperafís.



Fonte: Pesquisa e campo 2019.

O segundo momento teve um maior contato com as cooperativas, cooperadas e suas relações mais diretas, como o Ponto Nosso, loja em que as mulheres vendem seus produtos e a comunidade rural próxima aos projetos.

Essa fase foi importante para conhecer a realidade das mulheres e das cooperativas e serviu para trazer referenciais de mudanças que elas notaram após começarem a trabalhar nas cooperativas.

Relatos das cooperadas sobre a importância de trabalharem:

“Meu marido não gostava, ficava bravo por eu ir trabalhar, mas quando começou a dar certo e eu ter meu (fez gesto usado para se referir a dinheiro com a mão) apoiou, é ajuda em casa.”

“Temos caso de mulher que até conseguiu se separar depois de trabalhar, ela agora tem o sustento dela, não precisa aguentar tudo.” - Anotações de campo.

3. MÉTODOS

Segundo Cervo e Bervian (2002), a ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário.

Neste panorama, foi determinante a agenda genérica abordada no início da pesquisa, que cobriu os diversos atores e possibilidades da pesquisa de campo, para direcionar o foco da pesquisa.

Segundo Merriam (1998) pesquisa qualitativa é um conceito guarda-chuva cobrindo diversas formas de investigação que nos ajudam a entender e explicar o sentido dos fenômenos sociais com o mínimo de ruptura dos contextos naturais.

Outros termos frequentemente intercambiáveis são 'investigação naturalística', 'pesquisa interpretativa', 'estudo de campo', 'observação participante', 'pesquisa indutiva',

'estudo de caso' e 'etnografia'. Alguns escritores se referem a estes e outros termos como tipos de pesquisa qualitativa. (MERRIAM, 1998)

Para isso, durante os dias 8 e 19 de julho de 2019 foram realizadas visitas à prefeitura municipal de Valente onde conversei com duas pessoas; Escola da Família Agrícola que tive contato com dois profissionais e de forma mais próxima com quatro alunos que foram guias para conhecer o espaço; Fundação Apaeb onde conversei com uma pessoa; Fábrica Apaeb onde foi possível conversar com três pessoas; Mercado Apaeb que foi apresentado por uma pessoa.

Também foi visitado o sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valente onde foi possível conversar com Três pessoas e ter contato com o grupo Gesmin onde tive a oportunidade de conversar com quinze mulheres com mais de 50 anos, aposentadas que realizam atividades artesanais no espaço do sindicato; Câmara de Vereadores onde conversei com uma funcionária e com uma vereadora; dois Produtores de Fibras de Sisal, um que foi permitido visitar e uma que conheci em um evento da comunidade de papagaio.

Além disso houve visita há uma pessoa no Ponto Nosso; tivemos contato com diversas pessoas da Comunidade Papagaio, tanto as produtoras como moradores locais em uma visita a uma das casas de produção e em um campeonato de futebol local; Casa da Farinha onde conversei com duas pessoas; quatro pessoas da Cooperafis, reunião das cooperativas da região que reuniu aproximadamente dezoito mulheres de diversas cooperativas da região.

Durante estas visitas foram realizadas entrevistas semi estruturadas e abertas, conversas informais, coletas de dados sobre atividades, participação feminina e a região, com o objetivo de entender a realidade regional e sua evolução nos últimos anos, e tentar traçar a participação das mulheres ao longo do tempo na cidade.

Foi utilizado no levantamento de campo entrevistas semiestruturadas, livres, registros fotográficos e anotações de campo, e a pesquisa bibliográfica tendo seu principal enfoque em livros e artigos científicos, na construção de conhecimento sobre a cooperativas de trabalho e qualificação técnica.

A pesquisa é considerada qualitativa e se dá por base de um problema, parte de uma hipótese e busca chegar a uma solução para o problema, sendo assim considerada do tipo de raciocínio hipotético-dedutivo.

Devido aos fins de apresentação de resolução dos levantamentos dos problemas de campo a pesquisa terá natureza aplicada.

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa apresentada é classificada como uma pesquisa Descritiva. A pesquisa descritiva apresenta ser a forma mais eficiente de exploração da pesquisa que tem sua base em levantamentos de campo e consultas a fonte bibliográficas pós campo, para assim descreverem de forma mais completa toda sua construção, elaboração, processo e conclusão.

A maior parte das entrevistadas foram realizadas com mulheres, em sua maioria atuantes na estrutura que foi visitada, e mesmo os locais onde a figura feminina não era a principal, como no caso do produtor de sisal foi possível observar que a mulher também tinha algum papel para a manutenção da atividade mesmo que de forma mais indireta.

Os estudos descritivos são os que mais se adéquam aos levantamentos. Exemplos são os estudos de opiniões e atitudes (GIL, 2007).

Ao todo, diretamente conversei com aproximadamente 65 pessoas. Entre os diversos agentes que foram entrevistados ou que contribuíram em conversas informais durante toda a pesquisa, este relatório considerou um grupo de 8 mulheres que atuam diretamente em cooperativas de economia solidária que atuam tanto com sisal quanto com frutas regionais para produção dos seus produtos e considera também 4 entrevistas com agentes que tem relação indireta com essas cooperativas.

Utiliza também material de referencial teórico para fundamentação e construção da hipótese e narrativa deste relatório.

Portanto, para as entrevistas com as mulheres da cooperativa foi elaborado um roteiro de entrevista 1 que continha um levantamento mínimo de 6 (seis) perguntas base sendo 4 fechadas e 2 (duas) abertas buscando levantar os problemas que dessem base para a pesquisa. De forma geral o objetivo das perguntas era entender quem são essas mulheres e quais as dificuldades elas sentem para administrar essas cooperativas.

4. RESULTADOS

4.1 PRIMEIROS LEVANTAMENTOS - GÊNERO

Na fábrica da APAEB local que se iniciou a pesquisa, a presidente é uma mulher, e foi possível observar mulheres em praticamente todas as estruturas, segundo o RH na visita em questão a fábrica contava com 37 mulheres ativas, trabalhando em julho de 2019, mulheres com escolaridade desde o ensino fundamental incompleto, até superior completo¹.

Foi observado na cidade de forma geral tem muita mulher trabalhando nos mais diversos segmentos.

Segundo comerciante de padaria local “Sim tem mais mulheres trabalhando aqui na cidade, até lá na prefeitura, pois os homens ficam mais na fábrica ou na roça”. Anotação de campo.

Na cidade também foi possível observar mulheres atuando nos comércios locais principalmente como vendedoras, atendentes e caixas. A maior parte dessas mulheres aparentava ter menos de 40 anos, mas esse dado não foi confirmado por dificuldade em contactar a junta comercial da cidade.

Junto a prefeitura, não foi possível acessar os dados sobre números de funcionárias mulheres, mas nas visitas a prefeitura se observou um número aparentemente maior de mulheres que de homens, salvo nas áreas relacionadas com folha de pagamento e finanças.²

¹ Segundo relatório gerencial retirado do extrato da folha de pagamento. Não foi autorizado ser publicado no relatório por conter dados pessoais de funcionários,

² Perspectiva observada em campo apenas na prefeitura, percepção que pode não ter relação com a realidade já que não considera funcionários de saúde, educação e demais serviços e estruturas administrativas públicas não visitadas.

Sobre as mulheres que compõem o quadro político local, são duas, vereadoras, e apenas uma estava na cidade na época a qual foi possível entrevistar³.

Na região rural, nos locais que visitamos, as atividades da mulher são muito mais referentes a cuidado da casa, das pessoas da casa e dos animais que as atividades de roçado, embora tenha existido o alerta que isso ainda é bem comum.

Relato de uma das mulheres cooperadas durante entrevista livre: “[...]precisa cuidado da casa, os “filhos”antes de ir pro grupo [questionada se não tem ajuda agora que a rotina não mudou, responde] não, ainda preciso cuidar da casa e dos menino.”.

No sindicato além de ter a maioria das funcionárias mulheres, sua presidente mulher que se identificou como negra⁴, também foi identificado um grupo de senhoras artesãs sendo das 15, 14 já aposentadas, e que utilizam o espaço para atividades mais sociais, como para fazer artesanato, costura, dança, canto e fazem apresentações pela região.

Nas cooperativas a grande maioria das trabalhadoras são mulheres, em grande parte casadas e que tem essa atividade como forma de complemento de renda.

4.2 AS TRABALHADORAS DAS COOPERATIVAS

Conforme conversa com o grupo de mulheres na reunião geral das cooperativas, são 22 empreendimentos, todos da zona rural, nem todos já estão regularizados, alguns ainda são lidos como grupos informais organizados. Esses empreendimentos empregam aproximadamente 200 mulheres, só dois empreendimentos têm homens.

Trecho de entrevista coletiva na reunião das cooperativas: “[...]é complicado a gente regularizar, é caro e não é rápido, normalmente a gente precisa de ajuda pra isso, mas sabemos da importância, até pra poder vender pra outros lugares e tentar editais”. Anotação de campo.

³ Apesar de trazer informações relevantes sobre a cidade e suas transformações políticas, a entrevista foi desconsiderada na pesquisa por não ter o foco nas cooperativas.

⁴ A maior parte das mulheres quando perguntamos qual sua autodeclaração de raça diz se considerar parda queimada de sol e não negras.

A figura 5 é a uma foto da reunião com algumas das lideranças das cooperativas

Figura 5: foto de algumas das líderes e cooperada que atuam nas cooperativas de economia solidária de Valente.



Fonte: Pesquisa de campo 2019

As mulheres entrevistadas tinham entre 20 - 50 anos, na sua maioria casadas, apenas uma cursando ensino superior. Quase todas falaram que a atividade é importante, pois se tornou um complemento de renda, mas também que foi isso que garantiu a essas mulheres espaço de construção e opinião dentro das suas casas, pois agora não é só o homem que tem poder econômico para decidir.

Outro relato importante que apareceu durante a observação direta de uma das reuniões foi o cuidado que o grupo tem de decidir quais são as atividades que vão fazer para não dividir o poder, normalmente cada grupo se especializa em uma coisa distinta do outro para assim terem mais chances de entrar no mercado de consumo com maiores chances de sucesso.

Trecho da fala de uma das líderes das cooperativas durante reunião das cooperativas: “[...]tomamos cuidado em se conversa, assim todo mundo cresce, não adianta fazermos as mesmas coisas e competirmos entre nós.” Anotação de campo.

Algumas das trabalhadoras já tem uma maior expertise não apenas na cooperativa, mas com negócios, de aprender a fazer fazendo, ou de ter participado de cursos de formação.

Trecho de uma fala de uma cooperada da Cooperafis sobre os cursos de formação que a cooperativa já participou: “[...] ter participado desses programas de formação ajudou a melhorar nossa cooperativa, ajudou no administrativo, no financeiro, isso é tudo bem organizado agora.” Anotação de campo.

Um dos relatos que chamou atenção foi sobre a importância de capacitação que uma das cooperadas fez: “Não sabia usar o computador, vai fazer diferença se precisar procurar trabalho” Nota de campo.

Anotação sobre a fala de uma das cooperadas da Cooperafis relatando sobre as coisas que mudaram na vida dela após começar a trabalhar na cooperativa.

Algumas das iniciativas já foram premiadas e/ou contaram com parcerias, a casa de farinha que ganhou o Projeto Bahia para a construção da nova casa de farinha que até a visita em jul.2019 ainda não havia sido terminada.

A figura 6 apresenta uma montagem com a antiga casa de farinha e da nova em construção.

Figura 6: Quadro com montagem de duas fotos. A imagem superior, antiga casa de farinha. A imagem inferior, nova casa de farinha em construção.



Fonte: pesquisa de campo 2019

A Cooperafis foi uma das beneficiadas do programa de profissionalização do instituto Ruth Cardoso, a cooperativa teve todo o amparo técnico, jurídico e administrativo para se tornar legalizar, além de ter sido parceira da Petrobras, essa cooperativa que chegou a ter 120 mulheres em 2006/2007, em 2019 conta com 64 mulheres e mesmo com todo o suporte técnico, ainda tem dificuldades de ampliar sua capacidade de produção e venda. Grande

dificuldade de melhora de marketing, de apoio operacional técnico e de crescer de forma sustentável.

4.3 AS ENTREVISTAS

As entrevistas com as mulheres das cooperativas ocorreram de forma coletiva no primeiro momento, e de forma individual no mesmo dia, em uma sala mais reservada, as entrevistas eram semi estruturadas e ocorreram posteriormente a reunião.

Foram abordadas 4 (quatro) questões fechadas (idade, estado civil, filhos e escolaridade) com o objetivo principal de conhecer essas mulheres minimamente, mas tomando um enorme cuidado em não constrangê-las, por isso a redução das perguntas para o mínimo possível.

Sobre as 2 (duas) questões abertas (Você gosta de trabalhar na cooperativa, me conta o que mais mudou na sua vida depois que começou a trabalhar; e; Quais são os problemas que você acredita que a cooperativa tenha?) essas duas perguntas tinha um objetivo de entender quais eram as mudanças que o trabalho havia trago para a vida delas, suas percepções, observar a individualidade de cada uma, e tentar levantar o maior número de problemas e visões possíveis sobre as cooperativas.

Sobre as duas questões abertas as respostas foram quase todas na mesma linha, a maior parte das mulheres gosta de trabalhar, pois sente que passou a ser mais valorizada em casa, pelos companheiros e pelos filhos e isso deu a elas mais autonomia e independência nas escolhas individuais

4.4 OS PRINCIPAIS PROBLEMAS APONTADOS

Os principais problemas e questionamentos foram:

Participação em editais - as trabalhadoras têm grandes dificuldades de se inscreverem em editais por não terem o conhecimento técnico de escreverem projetos conforme a diretriz

pedida em editais, chegaram a relatar que tinham suporte de uma parceira que não consegue mais ajudá-las sempre e isso as faz perder editais vez ou outra.

Trecho de conversa com uma das lideranças sobre as dificuldades que eles têm: “[...]e perdemos muita oportunidade por não saber escrever como querem nos editais, a fundação APAEB quando pode ajuda, mas não é sempre que dá, aí a gente perde, precisava aprender a mandar isso como eles querem”

Estruturação do setor administrativo - a maior parte das associadas tem grande conhecimento na produção, mas conhecimento de médio para baixo nas questões administrativas, o que dificulta a estruturação da cooperativa e a manutenção de procedimentos administrativos padronizados.

Observação sobre todas as pessoas com as quais conversamos. “Poucas pessoas que já tinham trabalhado, uma única pessoa em ensino superior.” Nota de campo

Regularização das cooperativas - apenas uma das cooperativas está regular, todas as outras ainda estão tentando juntar dinheiro e conseguir orientação de como se regularizar.

Baixa lucratividade - foi apontada a baixa faixa de lucratividade, na maior parte dos casos no final do mês o valor que sobra é inferior a 200 reais por cooperada.

trecho da fala de uma cooperada falando sobre lucratividade da cooperativa: “[...] já vendemos pra grandes redes em São Paulo, mas não temos como produzir tanto, é um produto artesanal, eles não pagam tanto quanto se imagina e nossa margem de lucro é pequena”.

Exportação dos produtos - Embora alguns produtos de sisal já venham para grandes redes de São Paulo, a lucratividade é baixa.

Observação sobre as principais demandas das cooperativas alimentícias apresentada na reunião das cooperativas. “Problemas com rotulação e regulamentações quando são produtos alimentícios.” Nota de campo

Cumprimento da legislação - os produtos alimentares principalmente para acessarem o mercado precisam conter informações nutricionais no rótulo por exemplo e cumprir outras pequenas exigências, por não terem amparo jurídico ou dependerem de voluntários para

fazerem coisas como o rótulo, os produtos acabam não podendo acessar o mercado de consumo.

Falta de crédito e receio de contrair dívidas - Existe uma grande dificuldade de crédito, principalmente para as cooperativas ainda não formalizadas, e mesmo as formalizadas evitam tomar crédito, mesmo em bancos com menor taxa de juros por não ter um planejamento estruturado, ou mesmo não saber como administrar esse empréstimo e transformá-lo em investimento ou capital de giro para potencializar e ampliar o negócio.

Trecho da fala de cooperada da cooperafis falando sobre empréstimos: “[...] é difícil, mas já pegamos empréstimo sim, mas não gostamos, da medo de não conseguir pagar, ficou melhor com o SICOOB antes⁵ era ainda pior, as taxa e o relacionamento são melhores agora.”

5. CONCLUSÃO

O Levantamento, as entrevistas e a observação direta serviram para contextualizar a realidade local, trazer proximidade com o objeto de pesquisa, entender a realidade organizacional e econômica das cooperativas, entender melhor o contexto social, cultural e econômico das mulheres que trabalham nessas cooperativas e ajudou a desenhar um bom panorama sobre a cidade de Valente-BA

A pesquisa bibliográfica serviu para dar forma a essa pesquisa, aprofundar o conhecimento e entender teoricamente o que havia sido observado em campo, o que enriqueceu o debate teórico e possibilitou melhor fundamentação ao trabalho.

Como citado por Paul Singer 2014 é sim possível correlacionar, a partir dos diversos relatos das cooperadas, também citados neste trabalho a relação entre as mudanças do mercado, as transformações do cenário e o surgimento das cooperativas de Valente.

De modo geral as mulheres das diversas cooperativas demonstraram interesse em ajudar na construção deste tema, sob a perspectiva apresentada por Tesch (2000) citado neste trabalho. Embora já tenha começado a ser observado esse desafio, ainda possui algumas

⁵ Menção a época que o único banco presente no município era o Banco do Brasil.

limitações, como acessar e consolidar todos os dados das diversas cooperativas, desenvolver estratégias para solucionar os problemas apresentados, o que caracteriza incapacidade técnica.

A maioria das cooperativas tem interesse em se profissionalizar, educar seus cooperados e crescer, relacionando-se ao que Espinoza, 1978 citado aqui nos apresentou, mas a falta de acesso e recurso financeiro para investir nessa profissionalização é uma possibilidade muito limitada, principalmente se considerarmos a diversidade existente nas cooperativas.

O desenvolvimento da pesquisa evidenciou o déficit de qualificação técnica, nas cooperativas do município de Valente no Estado da Bahia o que promoveu uma reflexão acerca dos benefícios das qualificações e das dificuldades encontradas ao trabalhar essa temática, além disso, permite uma análise as possibilidades de atuação dos diferentes atores diante do problema de qualificação.

Foi possível identificar as dificuldades na qualificação das cooperativas de economia solidária, mas não foi possível apresentar soluções completas para solução dos problemas, pela maior parte dela ter relação com impacto econômico ou por apresentar grandes oportunidades para os setores públicos e privados, mas não necessariamente para as cooperativas sozinhas, embora mapear as parcerias possa ser uma solução viável que esteja dentro das possibilidades das cooperativas.

Dada à importância do tema, torna-se necessário pesquisas de aprofundamento em temas como o impacto das cooperativas de economia solidária na economia local; estudo de política pública sobre profissionalização de cooperativas; ou ainda projetos de desenvolvimento que visem a capacitação dessas das profissionais que atuam com cooperativas de economia solidária, que possam desencadear competências e habilidades para garantir uma melhor estruturação das cooperativas e, assim, ajudar na consolidação e maior competitividade dessas cooperativas no mercado de consumo.

Neste sentido, criação de políticas públicas, melhora no acesso a internet de qualidade, criação de escolas técnicas, públicas ou privadas, auxiliam na oportunidade de acesso a qualificação das cooperativas de economia solidária da região sisaleira do sertão baiano.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Lei nº 8.949, dez. 1994.

CERVO A. L.; BERVIAN P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ESPINOSA, J.C. **Educação Cooperativa**. Buenos Aires, Intercoop, 1978.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. 2. ed., rev. e ampl., San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

PONDÉ, J. L.; SOUZAA, S.P: **Instituições e Mudança Institucional: uma Abordagem Schumpeteriana**. Revista Economia, 2005.

SANTOS, S. R. S. **A Nova Economia Institucional**. Universidade Federal de São Carlos e Faculdades Integradas Claretianas de Rio Claro, 2009.

SCHNEIDER, J. O. - **Democracia-participação e autonomia cooperativista**. 2. ed. São Leopoldo: UNISÍNOS, 1999.

TESCH, W. **Dicionário básico de cooperativismo**. Brasília: SESCOOP, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

FLEURY, M. T. L e WERLANG, S. **Pesquisa aplicada – reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas**. Disponível em <<http://docplayer.com.br/68599255-Pesquisa-aplicada-reflexoes-sobre-conceitos-e-abordagens-metodologicas-autores-maria-tereza-leme-fleury-e-sergio-werlang.html> Consulta> em 20 set. 2019.

PACHECO, I. A. C. **COOPERATIVAS DE TRABALHO X INTERMEDIÇÃO DE MÃO-DE-OBRA**. 1996. Disponível em:

https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/114817/1996_pacheco_iara_cooperativas_trabalho.pdf?sequence=1 Acesso em: 28 set. 2019

SCHNEIDER, J. O e HENDGES, M. **Educação e Capacitação Cooperativa: sua importância e aplicação**. 2006. Disponível em:

<http://lemate.paginas.ufsc.br/files/2019/04/schneider.pdf> Acesso em 24 set. 2019

SINGER, P. **Cooperativas de trabalho**. 2014. Disponível em:

http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/cooperativas-de-trabalho_paul-singer.pdf Acesso em: 20 set. 2019

TORQUATO, A. T. R; CARGNIN, D. R. M. e FISHER, M. C. B. **Formação para a cooperação em trajetórias de vida e trabalho**. 2006. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6056/3230> Acesso 28 out. 2019

7. ANEXOS

7.1 ENTREVISTA 1

Idade

Estado Civil

Escolaridade

Possui filhos? Quantos?

Você gosta de trabalhar na cooperativa? Me conta o que mudou na sua vida depois de começar a trabalhar.

Quais os principais problemas que você acha que a cooperativa tem?